



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

RECEPÇÃO E CIDADANIA: O DESPERTAR DO SUJEITO POLÍTICO PELAS MENSAGENS DO MST¹

Paula Reis MELO

Prof^ª. Mestra da Universidade Católica de Pernambuco,
UNICA

RESUMO - *O objetivo deste trabalho é investigar a recepção das mensagens do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – sobre a reforma agrária pelos agricultores do Assentamento Pedro e Inácio, localizado no município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Da condição de indivíduo excluído, marginalizado, esses trabalhadores rurais, ao ingressar no MST, passam por um processo de sensibilização de seus direitos através da proposta da reforma agrária com vistas à construção do sujeito político, organizado, cidadão, que conhece a importância da sua participação na conquista de seus direitos. Este processo, denominado de mudança cultural tendo em vista a construção da cidadania, reflete conflitos e contradições, e cujo receptor é um produtor de sentidos, sujeito ativo, em que a recepção não se constitui em um fim em si, mas num processo.*

Palavras-chave: cidadania; recepção; MST.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTRODUÇÃO

A cidadania, vista como a qualidade de participação consciente para a efetivação dos direitos e deveres do indivíduo, tem sido reclamada e destacada por movimentos sociais, organizações não governamentais e diversas entidades, como uma necessidade urgente no mundo atual globalizado em que as condições de vida digna se tornam cada vez mais distantes de toda a população.

Conquistar a cidadania, portanto, tem sido práxis de inúmeras entidades, cada qual com suas metodologias e idiossincrasias, cuja atuação se assemelha em um ponto: despertar as pessoas sobre seus direitos através da atuação política. Entre os atores sociais, o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, através da sua principal reivindicação, a reforma agrária, encampa a luta pela terra construindo um discurso que é capaz de mobilizar e incorporar considerável contingente de pessoas, enfocando a terra como um direito para aqueles que nela querem produzir.

Para o MST, a reforma agrária não se constitui apenas na aquisição da terra, esta é apenas a primeira de uma série de reivindicações empreendidas dentro do processo da reforma agrária. Os assentamentos são *locus* de um processo reivindicatório constante, seja para viabilização da produção, da garantia da educação, da infra-estrutura de serviços sociais básicos etc., permanecendo articulados pelo mesmo discurso e recebendo as mensagens do emissor, com vistas à integração dos indivíduos na sociedade, não só como produtores agropecuários, mas, sobretudo como cidadãos.

Entre essas áreas, o Assentamento Pedro e Inácio, localizado no município de Nazaré da Mata, na Zona da Mata Norte de Pernambuco, possui uma história particular no seu processo de conquista. Transformado em assentamento em novembro de 1997, sua história é marcada pela violência sofrida pelas famílias de trabalhadores rurais três dias após a ocupação, em junho do mesmo ano. Elas estavam no acampamento quando foram surpreendidas à noite por um grupo de homens armados atirando em sua direção. Dois trabalhadores rurais morreram – Pedro Augusto da Silva, de 56 anos, e José Inácio da Silva, de 20 anos – e seis pessoas ficaram feridas, entre elas duas crianças. O fato,



chamado de “massacre” pelo MST¹, marcou profundamente a história do assentamento que recebeu os nomes dos dois trabalhadores assassinados como forma de homenagem.

Passado o período da luta pela posse da terra, os trabalhadores se encontram numa nova fase de sua vida e experimentam novas relações sociais, desde a moradia em agrovila, passando pela produção cooperativada e pelo contato com novos valores a partir da orientação do MST.

Este estudo tem como objetivo investigar o processo da recepção das mensagens do MST acerca da reforma agrária pelos trabalhadores do Assentamento Pedro e Inácio, na perspectiva da linha teórica latino-americana dos estudos culturais.² A preocupação foi perceber como se dá o despertar para a cidadania pelo discurso do MST. Neste sentido, apresentaremos primeiramente as mensagens do MST na linha da Análise de Discurso³ com o intuito de compreendê-lo no seu todo, para, em seguida, investigarmos a *práxis*⁴ e as representações sociais⁵ construídas pelos trabalhadores rurais – os receptores – acerca da reforma agrária no seu contexto sócio-político e cultural.

Esta pesquisa serviu de base para a dissertação do Mestrado em Comunicação Rural. Lançamos mão de um delineamento de pesquisa qualitativa, como forma de apreender mais profundamente a realidade em questão. Realizamos visitas constantes ao assentamento utilizando a observação participante⁶ como método principal de coleta de dados. Participamos de discussões, assembléias, reuniões e das demais atividades de seu dia-a-dia, como por exemplo, do trabalho e do lazer dentro do próprio assentamento; e

¹ Os corpos dos dois trabalhadores assassinados foram encontrados dois dias após o ocorrido no Rio Capibaribe no município de Paudalho, Zona da Mata Norte de Pernambuco.

² MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios à mediações**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997; GARCÍA-CANCLINI, Néstor. “*La modernidad después de la posmodernidad*.” In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (org). **Modernidade: vanguardas místicas na América Latina**. São Paulo: Ed. UNESP, 1996. p.201-237; _____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983; GÓMEZ, Guillermo Orozco. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario – IMDEC, 1997.

³ ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. _____. **Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

⁴ VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

⁵ SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.

⁶ Sobre observação participante, ver GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1994. p.107-108.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



de mobilizações fora dele, como forma de apreender o discurso do MST e conhecer a realidade.

Procuramos compreender a ação coletiva de sujeitos enquanto receptores de um discurso, levando em conta sua *práxis* nas mobilizações, passeatas, assembleias etc., enfim, no seu cotidiano dentro de um processo comunicativo marcado pelas formas diretas e interpessoais da comunicação, e de massa, através das mobilizações. Intencionados, portanto, investigar a construção do sujeito político ou, em outros termos, do cidadão.

O Discurso do MST: Por Uma Nova Ordem Civilizatória

Em linhas gerais, o discurso do MST dirige crítica às desigualdades sociais e suas conseqüências procurando combater uma das causas destes problemas, que é a má divisão da estrutura fundiária no Brasil, e não os seus efeitos. A reforma agrária é o meio através do qual o MST propõe mudar a estrutura apresentando, no seu discurso, uma alternativa para uma melhor distribuição de renda cujo projeto de democratização do acesso à terra busca garantir que *“todos os cidadãos que vivem no meio rural possam sair do nível de pobreza e serem de fato cidadãos iguais aos outros.”*⁷

“Lutar para que a terra, que é um bem de todos, esteja a serviço de toda a sociedade”, na qual *“o trabalho tenha supremacia sobre o capital”*⁸, demonstra um discurso que se contrapõe ao discurso capitalista, fazendo uma referência de que o Movimento Sem Terra se posiciona contra a acumulação do capital através da exploração da mais-valia e, por conseguinte, contra a concentração da renda por uma minoria.

Desta maneira, ao construir a sua ideologia, o MST recorre à formação discursiva da classe dominante, só que, opondo-se a ela, refletindo e sendo refletido pela heterogeneidade presente em todo discurso. Os outros objetivos assim negam o discurso

⁷ Cf. João Pedro Stédile, membro da Direção Nacional do MST, em discurso realizado no Congresso Mundial de Direito Processual – Centro de Convenções – Olinda (PE), 22/05/99.

⁸ Ibid.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

dominante confrontando-se com os interesses capitalistas: “*garantir trabalho para todos, com a justa distribuição de terra, renda e das riquezas; buscar permanentemente a justiça social e a igualdade de direitos econômicos, políticos, sociais e culturais.*”⁹

Interessa-nos compreender no discurso a idéia da *nova sociedade* sonhada. Sabendo que não há uma matriz ideológica única, já que a ideologia é construída a partir de vários pensadores e experiências populares, esta nova sociedade se baseia no que Gramsci denomina *nova ordem civilizatória*¹⁰, isto é, o Estado de Governo Popular,

Os valores humanistas e socialistas são sempre destacados no discurso, pois são esses que, na visão do MST, dariam à sociedade o sentido humano, numa crítica constante ao consumismo exacerbado imposto pelo capitalismo, à *comercialização* da felicidade pela indústria do lazer, à efemeridade das relações sociais etc. É a construção de uma *nova consciência* que está sendo proposta, de se criar um *novo homem* e uma *nova mulher*, através da vivência cotidiana dos valores da solidariedade, da humildade, da consciência coletiva.

Resgatar, pois, estes valores é, para o MST, criar uma nova cultura. Esta é a missão que o Movimento Sem Terra se imbuíu: construir uma cultura que valorize o ser humano, suas relações com os outros e a interação com a natureza. Utilizando um discurso metafórico, o MST afirma que a reforma agrária é uma reivindicação que precisa derrubar três *cercas*: a cerca do latifúndio, a do capital, e a da ignorância.¹¹ A primeira diz respeito à terra, a segunda, aos financiamentos para produção e moradia, e a terceira ao acesso à escola e construção de uma visão crítica. Assim, o discurso do MST reforça o processo de mudança cultural necessário para a construção de uma *nova ordem civilizatória*: através do conhecimento.

O processo de conquista da cidadania se inicia desde o momento em que os excluídos têm contato com o discurso do MST. Juntamente com a luta para a mudança da estrutura agrária vem a conquista dos assentamentos e, na gestão destes se aprofunda

⁹ MST. **Histórico do MST no Estado de Pernambuco**. Caruaru: MST, s/d. p.03.

¹⁰ GRUPPI, Luciano. **Conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Graal, 1978. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ªed.

¹¹ STEDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. Op. cit. p.162.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



o novo processo de socialização dos trabalhadores assentados, iniciado com a ocupação e a instalação do acampamento, ao qual denominamos processo de mudança cultural. Para o MST, da condição de excluído, de degradado material e moralmente, de total ausência de sua dignidade, o sem terra passa a poder enfrentar coletivamente as questões que irão lhe fornecer condições de se sentir gente (no sentido mais amplo e humano da palavra) e ser tratado como tal, através da organização do trabalho e do assentamento como um todo, inserindo-o na sociedade como sujeito que luta para conquistar a cidadania que foi negada durante toda a sua vida pela exploração de sua força de trabalho. Este é o processo de mudança cultural.

Com relação à Zona da Mata – local de nosso estudo –, esta é considerada pelo MST uma região de degradação para o trabalhador rural. Seu discurso é construído enfatizando os cinco séculos de exploração da mão-de-obra “*barata, escrava, explorada, gerando riqueza para os portugueses e para o país, especialmente para os usineiros*”. O discurso destaca que a estrutura sócio-cultural ficou comprometida ao longo da história do Brasil a partir do momento em que “a força de trabalho foi marginalizada” e, portanto, a cana-de-açúcar é tida como “símbolo de escravidão” para os trabalhadores.

A Recepção das Mensagens do MST no Cotidiano dos Assentados do Pedro e Inácio

Para os trabalhadores do Pedro e Inácio, a vida no assentamento é um modo totalmente novo de viver. Eles estão experimentando novas relações sociais seja no trabalho, seja na moradia na agrovila, na cooperativa, nas mobilizações para reivindicação de direitos etc. Pela primeira vez eles participam de uma cooperativa; estão “livres”¹² do patrão; sentem que têm direitos e não só deveres, enfim, eles se encontram num processo em que começam a se ver, aos outros e ao mundo de outra forma.

¹² Expressão utilizada pelos assentados.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



Assim, o nosso receptor é um sujeito que está em processo de construção de uma nova vida, orientada por um discurso com valores humanistas e coletivos, como a solidariedade e a cooperação. Tal construção exige mudanças na própria cultura, na perspectiva de uma visão de mundo completamente diferente daquela em que ele fora socializado. Em outras palavras, ele está num processo de sensibilização política, de formação de uma nova consciência, a partir da vivência das mensagens do MST.

Este receptor, porém, compartilha da ideologia dominante, ou seja, na condição de classe subalterna, ele participa de uma concepção de mundo imposta pelas classes dirigentes que não levam em consideração as necessidades nem os interesses das classes sociais dominadas.¹³ Esta ideologia dominante a que nos referimos é baseada nos interesses dos grupos dirigentes que privilegiam, por exemplo, valores individualistas, de competição e acumulação.

Neste processo de comunicatio, o receptor é levado a questionar a sua própria condição de vida e sua visão de mundo sob a lógica da luta de classes. Supomos então, que este receptor começa a participar politicamente da vida na sociedade enquanto cidadão organizado. É, pois, uma completa desconstrução.

Este processo de mudança cultural se dá no cotidiano do assentamento em torno das relações de trabalho, de vizinhança, de lazer, de educação etc. cuja *práxis* e discurso dos assentados se complementam na recepção das mensagens. A *práxis* advém das representações sociais e estas, em nível subjetivo, alimentam a ação que, por sua vez, compõe as primeiras, num movimento constante de processo. Convém neste ponto conceituarmos representações sociais cujas significações são fruto de um esforço do indivíduo para entender o mundo. As representações sociais são “*sistemas de conhecimento, símbolos, etc., que são socialmente elaborados, que orientam o comportamento e intervém na definição da identidade individual e social e na construção de objetos.*”¹⁴

¹³ GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Op. cit. p.67-68.

¹⁴ JODELET apud SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p.52.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



A recepção se compõe então da *práxis* e também das representações sociais dos trabalhadores, pois estas são como instância organizadora daquilo que se vê e se enfrenta no mundo material apresentando-se à consciência de forma conflituosa ou perturbadora.¹⁵

O que primeiramente chamou a atenção dos trabalhadores rurais ao entrar em contato com as mensagens do MST para ocuparem terra foi a sintonia de seus interesses com o que se lhes apresentava. Em geral, a história de vida dos trabalhadores que ocuparam Camarazal é a mesma: estavam desempregados porque tinham sido expulsos de outros engenhos onde moravam e trabalhavam. Nesses engenhos, possuíam sítios e plantavam agricultura de subsistência em terras cedidas pelo patrão, que os mantinha numa relação de exploração e dominação. Ao serem dispensados do engenho, sem receber indenização, foram morar nas periferias das cidades próximas, como o Povoado de Murupé entre outros, em casa de parentes ou quartos alugados, sem condições de vida digna.

A conquista material da terra é uma importante mediação cultural componente da recepção das mensagens do MST pelos assentados de Pedro e Inácio. Foi a conquista da terra que os fez entender a realidade em sua volta, fazendo-os diferenciarem-se em duas classes: trabalhadores e latifundiários. Ainda que aparentemente simplista, porque sabemos que a sociedade é muito mais complexa, esta visão demonstra que eles entenderam as mensagens do MST, chegando a perceber a sua ação e a diferença de classes, identificando-se na categoria dos trabalhadores.

“Eu sou vitoriosa. Fui derrotada de um lado que perdi, mas no mesmo tempo ganhei, estou de volta aqui na terra, lucrando maxixe e feijão novamente, batata, inhame, que vamos ter que plantar nas vargens, bananeira, um bocado de tudo aqui na terra para a gente mostrar para

¹⁵ GOMES, Alfredo Macedo. **O imaginário social da seca e suas implicações para a mudança social.** Recife, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

esse proprietário daqui que nós somos trabalhadores, nós não somos latifundiários não. Nós lutamos, conquistamos e nós vamos ganhar.”¹⁶

A derrota a que Marlene Maria da Silva se refere no depoimento acima é em relação à morte do seu marido, Pedro Augusto da Silva, e do seu irmão, José Inácio da Silva, as duas vítimas fatais quando da ocupação do engenho. Devido à violência que sofreram, tendo sido surpreendidos à noite por um tiroteio expulsando-os da terra, a visão dos trabalhadores de que estão vivendo uma luta se aprofunda ainda mais, a ponto de considerarem o conflito como uma guerra. O desabafo de Marlene no dia do enterro do marido e do irmão foi muito claro: *“Isso não é reforma agrária, isso é uma guerra.”*

Em relação ao trabalho, o que a conquista da terra trouxe primeiramente para os trabalhadores foi uma sensação de liberdade, de alívio de não ter mais patrão, de não se sentirem mais vigiados, de poderem ir e vir sem ninguém os controlando, de escolherem seu próprio horário de trabalho, de trabalharem da forma que quiserem.

Daí ser a história de vida de cada um mais uma mediação cultural componente do processo de recepção. O discurso destes trabalhadores aponta para um cotidiano em que viviam oprimidos, reprimidos pelo proprietário do engenho que se impunha pelo medo, exercendo o controle no nível do privado e do público. Agora, na condição de assentados, não há mais ninguém para vigiar seu trabalho, pelo menos em nível de lote individual já que no coletivo existem regras negociadas. Cada um organiza seu dia-a-dia como quer.

Mesmo os antigos moradores que não participaram da luta pela terra também têm um novo conceito de liberdade. Comparando com a vida que levava quando era empregado do próprio Engenho Camarazal, o morador, agora assentado, demonstra sentir uma melhoria na qualidade de vida:

¹⁶ Marlene Maria da Silva, trabalhadora assentada que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 23/02/99.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



“Ah, está melhor que agora eu trabalho para mim. Eu me levanto a hora que eu quero, me deito a hora que eu quero. E antigamente, tinha de às quatro horas da matina estar, as meninas estavam fazendo café, quando a mulher estava viva, era a mulher que fazia para eu sair às 5 horas para o serviço.”¹⁷

Na produção, os assentados do Pedro e Inácio estão diversificando o plantio. Não só plantam agricultura de subsistência como também fruticultura, além de apostarem na produção leiteira. A cana-de-açúcar não é considerada como opção pelos assentados uma vez que é símbolo de escravidão, representando para os trabalhadores a opressão sofrida durante vários anos de trabalho como empregado de engenho. *“Cana? Era onde os patrões botavam os escravos para trabalhar. Eu digo os escravos como meu pai mesmo.”¹⁸*

Para eles, a cana-de-açúcar é símbolo de exclusão, pois numa região de produção do açúcar, da qual eles próprios participaram como mão-de-obra, não havia nenhum acesso ao produto. A história de vida é reforçada como mediação cultural na recepção dos trabalhadores acerca das mensagens do MST porque as lembranças do sofrimento no trabalho da cana são muito dolorosas – um passado de privações e necessidades – por isso os trabalhadores repudiam a cana-de-açúcar, o que demonstra a total compreensão do discurso do Movimento sobre este ponto: *“a cana maltrata os trabalhadores, ela é um mal que deve ser cortado”*. Neste raciocínio, os assentados optaram pela diversificação das culturas, demonstrando terem incorporado as mensagens do MST sobre a reforma agrária.

No enfrentamento das questões relativas ao assentamento, percebemos que é o trabalho coletivo que faz suscitar as dúvidas, diferenças e contradições entre os assentados. Foi fundada no assentamento a Cooperativa de Produção Agropecuária Pedro e Inácio da qual participam todos os 79 parceiros. Assim, além dos lotes (ou

¹⁷ Trabalhador assentado, antigo morador e empregado do Engenho Camarazal, em entrevista à pesquisadora em 01/09/99.

¹⁸ Trabalhadora assentada que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 23/02/99.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



parcelas) individuais, que medem 5 ha cada, há a parte coletiva, que fica em nome da cooperativa com 125 ha.

Sabemos que o discurso do emissor traz a cooperação como um valor para o encaminhamento da produção nos assentamentos em geral, porém, como o receptor, enquanto trabalhador rural, não percebeu a necessidade, é difícil ele entender sua importância. Isto significa que a cooperativa não basta ser comprovada cientificamente como viável, mas precisa ser sobretudo reclamada pelos próprios assentados. Do contrário, sempre ouviremos respostas evasivas como esta que obtivemos numa das entrevistas. Perguntado sobre o que era bom no trabalho coletivo, o assentado respondeu: *“o que é bom? O que é bom é botar a cooperativa para frente, trabalhar...”*¹⁹

Assim, temos mais uma mediação cultural componente do processo da recepção das mensagens do MST. O trabalho individual fora internalizado por estes agricultores como um hábito, pois, no seu entender, esta é a melhor forma de produzir – senão a única possível – não havendo, pois, intenção nem confiança no trabalho coletivo. Sobre este, ao contrário, muitos agricultores conhecem histórias que não deram certo e daí ser difícil entender as funções e vantagens da cooperativa e, conseqüentemente, do trabalho coletivo.

As representações sociais acerca da reforma agrária são diversas, porém, no geral, há um entendimento em relação à conquista da terra como uma alternativa para ter trabalho e poder sustentar a família. Por isso, encontramos nos depoimentos referências à realização de um sonho através da reforma agrária, pois esta possibilitou a segurança de ter alimentação.

“Gostei muito desse Movimento. Porque eu não ia ter trabalho mais, no tempo que eu fui para lá o senhor-de-engenho já tinha me expulsado do

¹⁹ Trabalhador assentado que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 29/08/99.

¹ Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

trabalho, eu não ia arrumar mais serviço.”²⁰

Conforme o discurso do MST, os assentados vêem a terra como um “bem da natureza”, isto é, que Deus deixou para eles. Este entendimento indica a incorporação do discurso do MST influenciado pela Igreja. A expressão de que a terra é um “bem da natureza” aparece na fala dos receptores:

“A gente vai ter que conquistar a terra, ganhar área de terra para trabalhar. (...) a gente tem que lutar até o fim porque foi a única herança que Deus deixou no mundo para nós.”²¹

As representações sociais acerca do Movimento Sem terra dizem respeito à melhoria de vida. Os receptores demonstram entender que se trata de uma ação contra a pobreza, procurando criar oportunidade de vida para todos.

“A solução só está na reforma agrária mesmo no MST, porque é onde os pobres encontram lugar para viver, têm um pedaço de terra para trabalhar para alimentar os filhos.”²²

O sujeito político que o discurso do MST visa querer formar aparece em processo de construção, pois os receptores sinalizam com interpretações mais críticas e políticas da realidade. Eles percebem a importância de sua própria ação no desenvolvimento da reforma agrária, sentindo-se responsáveis pelo avanço da mesma, e criticam a postura do Estado e das classes dominantes.

²⁰ Trabalhador assentado que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 28/08/99.

²¹ Trabalhadora assentada que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 30/08/99.

²² Trabalhadora assentada que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 01/09/99.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



“Como estamos dentro da luta, da reforma agrária, acredito que sejamos nós que fazemos, não é o governo nem os ricos que fazem, somos nós que fazemos, e está todo mundo fazendo a reforma agrária mesmo.”²³

Esta visão política da sua ação no processo de reforma agrária se deve ao fato de terem passado por todas as fases da reforma agrária, isto é, pela ocupação, acampamento, desapropriação até o assentamento. Por isso, eles demonstram segurança ao tratar do assunto, principalmente quando precisam explicar a pessoas que ainda resistem à ocupação de terra, vista por muitos como “invasão da propriedade privada” para “tomar o que é dos outros”. Há uma consciência política dos receptores ao justificarem sua ação.

“A gente tem que fazer a reforma agrária com o povo, porque um engenho desse sem cana, ele vai fazer o quê? Não vai dar serviço aos trabalhadores dele, ele toma um empréstimo no banco para fazer o trabalho do engenho ele não dá, vai comprar carro e vai mobiliar a casa, e compra casa bonita na cidade, pronto. Aí diz que o banco não quer emprestar dinheiro para não trabalhar, mas não, porque já está devendo, aí o mato vive dentro do engenho dele sem dar serviço para o pessoal, fica sem dar trabalho para o pessoal, aí pronto.”²⁴

Além da consciência política que mostra um entendimento mais amplo da reforma agrária, há as representações sociais que dizem respeito ao crescimento individual como forma de aprender a viver, a estar no mundo. O fato de terem participado das mobilizações, dos atos de protestos junto ao Movimento, possibilitou

²³ Trabalhador assentado que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 28/08/99.

²⁴ Trabalhador assentado que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 28/08/99.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



experiência de vida a muitos assentados que nunca tinham saído do ambiente em que viviam.²⁵ A reforma agrária parece então ter sido uma forma de conhecer o mundo.

Porém é importante frisar nem todos têm a mesma visão da reforma agrária, também encontramos trabalhadores que ainda não têm muito entendimento desse processo.

O orgulho de ser sem terra, no entanto, faz com que os assentados superem e até combatam o preconceito, já que os assentados têm consciência de que no MST estão lutando por seus direitos e não “*tomando o que é dos outros*”, como eles ouvem.

Diante da consciência política dos assentados de que a reforma avança a partir da própria luta, o futuro é visto como a continuação da *práxis* política aprendida no Movimento como uma forma de minimizar as desigualdades sociais. Nesta questão, a recepção dá o mesmo sentido ao discurso do emissor, uma vez que objetiva contribuir para a melhoria de vida dos excluídos. A melhoria da qualidade de vida está associada a outras conquistas que não apenas a terra. Para que eles possam se desenvolver economicamente a partir da produção agrícola, eles continuam lutando por outros elementos, tais como recursos financeiros. Assim, aos poucos, o cidadão organizado politicamente, que luta pelos seus direitos, vai se formando no cotidiano do assentamento, o que demonstra o entendimento das mensagens do MST. É, pois, o lutar consciente. A prefeitura do município de Nazaré da Mata, do qual faz parte o assentamento, por exemplo, tem sido um lugar de mobilizações. “*Aqui o prefeito às vezes não colabora com as coisas. É preciso a gente ocupar a prefeitura. Banco mesmo a gente teve que ocupar. (...)*”²⁶

Porquanto sujeitos conscientes politicamente, eles vêem nos filhos a esperança de um país melhor, já que os filhos, estudando, podem participar mais ativamente do processo pela transformação do país. Alguns antigos moradores que não

²⁵ A título de ilustração, lembramos a animação das crianças quando íamos de carro do assentamento até a sede do município de Nazaré da Mata para fazermos compras. A maioria das crianças nunca tinha ido à cidade, era uma festa para elas a novidade de andar de carro e ver a cidade.

²⁶ Trabalhadora assentada que ocupou a terra, em entrevista à pesquisadora em 30/08/99.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



ocuparam o engenho, agora passam a participar da luta de seus filhos, dando apoio aos acampamentos de seus familiares.

“- Mas eu ainda saio daqui para o assentamento de Morojó²⁷ ainda aí!

- O senhor vai lá para o acampamento de Morojó?

- Ôxe eu já trabalhei até de noite de vigia no lugar do meu filho.”²⁸

Podemos considerar então, a participação dos filhos dos moradores em outros acampamentos uma mediação cultural no processo da recepção dos assentados do Pedro e Inácio.

Considerado pelo discurso do MST como militantes, os assentados do Pedro e Inácio também realizam trabalho de base, ou seja, eles agora fazem o mesmo trabalho de sensibilização nas periferias das cidades mostrando a importância de se possuir a terra como uma alternativa para os excluídos, como anteriormente acontecera a eles. A ocupação não é entendida como uma invasão da propriedade privada, mas como uma reivindicação de um direito, já que a terra, em alguns casos, pertencera outrora à família dos trabalhadores.

Assim, o sujeito consciente politicamente e militante apontado pelo discurso do MST se reflete na *práxis* dos receptores. Esta consciência deles de que se conquista a reforma agrária – e não se ganha – com luta e participação faz com que trabalhem como militantes para que outros trabalhadores tenham a mesma oportunidade, demonstrando, portanto, a construção da cidadania.

²⁷ Morojó é um acampamento liderado pelo MST que fica localizado vizinho ao Assentamento Pedro e Inácio. Também é conhecido como Acampamento Morojozinho.

²⁸ Entrevista com trabalhador assentado, antigo morador do Engenho Camarazal, em 01/09/99.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



CONCLUSÕES

Pensar a recepção conforme propusemos – como um discurso que reflete a *práxis* – é investigar as práticas sociais na perspectiva da construção da cidadania. Ao refletirmos sobre o processo da recepção das mensagens do MST acerca da reforma agrária, vimos que, apesar dos assentados compartilharem da ideologia dominante, eles sinalizam na sua *práxis* cotidiana que um novo sujeito ou, o sujeito político, está em processo de construção. Usando o discurso do emissor, diríamos que o *novo homem* e a *nova mulher* estão em processo de construção.

O processo de mudança cultural por que passam os trabalhadores rurais assentados está imbricado com o processo da comunicação, através da prática e da ação coletiva do MST no cotidiano do Assentamento Pedro e Inácio. A partir do contato com o Movimento, os trabalhadores tomam consciência de seus direitos e têm uma nova visão sobre sua condição de trabalhador rural.

Este processo de mudança cultural não se dá linearmente, mas de forma complexa, ora com avanços, ora com retrocessos numa dinâmica marcada pelas mediações culturais oriundas do contexto sócio-cultural. Mesmo compartilhando da ideologia dominante, os trabalhadores rurais experimentam novas formas de vivência – tais como os valores humanistas e coletivos – a partir das relações sociais construídas no cotidiano do assentamento, como, por exemplo, através do trabalho coletivo e de ações de solidariedade.

Um fato que marcou profundamente a história do assentamento, dos assentados e até o próprio discurso do MST foi o “massacre”, considerado por nós como uma mediação cultural fundamental no processo da recepção. O assassinato de Pedro e Inácio e toda a violência sofrida pelos trabalhadores foram transformados em bandeira de luta, reforçando a força e a união necessárias para a reivindicação do acesso à terra.

A conquista da terra também se constitui numa mediação cultural ao proporcionar aos trabalhadores rurais sua libertação do patrão, o que os permite sentir liberdade. Esta liberdade é vista por eles como autonomia, tanto em relação ao trabalho como a sua vida em geral, uma vez que, por terem sido socializados em relações de



dominação, eram controlados pelo patrão no nível do público e do privado. Vemos que esta mediação cultural – conquista da terra – está imbricada com outra que é a história de vida dos trabalhadores. Por isso, a liberdade nunca sentida anteriormente enquanto submetidos a relações de opressão, aparece agora na recepção, permitindo aos trabalhadores rurais incorporarem um novo entendimento sobre sua relação com o ex-patrão, associando a liberdade conquistada à condição de assentados.

Porquanto novas relações sociais no cotidiano desses trabalhadores, antes desmobilizados e alheios aos problemas conjunturais do país, eles sinalizam com a possibilidade de crescimento organizativo e político, haja vista a opção pela agrovila e a fundação de uma cooperativa no assentamento. Se por um lado não podemos afirmar que os receptores ainda não compartilham de todo das mensagens do MST sobre a reforma agrária, por outro, o processo de mudança cultural fora iniciado.

Percebemos que no processo da recepção como um todo há a demonstração da construção de sujeitos políticos, cidadãos organizados, que lutam pelos seus direitos e que vêm na reforma agrária a alternativa de minimizar as desigualdades sociais. As representações sociais acerca da reforma agrária remetem à militância, isto é, ao papel de cada um na reivindicação permanente, mesmo após a conquista da terra, à alternativa de vida para os desempregados e excluídos e, além disso, à transformação do país no futuro. Conscientes de que o Brasil não poderá mudar agora, os assentados têm nos filhos esta esperança.

O período em que acompanhamos o assentamento pode não sinalizar, necessariamente, os mesmos conflitos ou contradições em outro período, o que reforça nossa crença de que as mediações culturais e suas relações com o processo comunicativo estão em constante mudança. Isto é importante para lembrarmos que o assentamento entra no ano 2000 numa nova fase, a da convivência das pessoas na agrovila que, terminada em dezembro de 1999, passa a ser um novo e permanente lugar de moradia, na qual se processarão diferentes relações sociais, e que pode ser objeto de outras pesquisas.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Este estudo foi um esforço de pensar a realidade dentro da linha teórica latino-americana dos estudos de recepção, que privilegiam a cultura no processo comunicativo e, sobretudo, o receptor ativo, como sujeito produtor de sentidos. Esperamos ter contribuído para a reflexão da própria teoria quando propomos entender a recepção como um discurso que reflete a *práxis* cotidiana, pois no nosso estudo de caso, as mensagens do emissor, desconstruídas através da análise de discurso na linha teórica francesa, no qual o discurso é pleno de sentidos materializando a ideologia, abrem uma série de possibilidades a partir de uma ação coletiva. Esperamos também que este estudo possa contribuir para a reflexão do discurso e da própria *práxis* do MST tendo em vista os seus objetivos quanto a despertar o indivíduo para sua condição de sujeito político, porquanto, de cidadão.

BIBLIOGRAFIA

CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 1998.

GARCÍA-CANCLINI, Néstor. “*La modernidad después de la posmodernidad.*” In: BELUZZO, Ana Maria de Moraes (org). *Modernidade: vanguardas místicas na América Latina.* São Paulo: Ed.UNESP, 1996. p.201-237

_____. *As culturas populares no capitalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1983.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, Alfredo Macedo. O imaginário social da seca e suas implicações para a mudança social. Recife, 1995. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco - Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

GÓMEZ, Guillermo Orozco. *La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa.* Guadalajara: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario – IMDEC, 1997.

GRUPPI, Luciano. *Conceito de hegemonia em Gramsci.* Rio de Janeiro: Graal, 1978.
Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 3ªed.

1 Trabalho apresentado no NP12 – Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04. setembro.2002.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MARTÍN-BARBERO, Jéus. Dos meios à mediações. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MST. Histórico do MST no Estado de Pernambuco. Caruaru: MST, s/d.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

_____. Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. A construção do objeto de pesquisa em representações sociais. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.

STEDILE, João Pedro & FERNANDES, Bernardo Mançano. Brava gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 1999.

VÁSQUEZ, A. S. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.